

CONHECIMENTO POPULAR E PROCEDÊNCIA DA ESPINHEIRA-SANTA (*MAYTENUS ILICIFOLIA*) COMERCIALIZADA EM PELOTAS, RS, BRASIL

Márcia Vaz Ribeiro¹; Camila Almeida²; Aline Silveira Cardoso Oliveira²; Rosa Lia Barbieri³

¹ Bióloga, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, marciavribeiro@hotmail.com.

² Enfermeira, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, almeidakk@yahoo.com.br; alinesilveiracardoso@yahoo.com.br

³ Bióloga, Embrapa Clima Temperado, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, lia.barbieri@embrapa.br

Maytenus ilicifolia é uma planta da família Celastraceae, conhecida popularmente como espinheira-santa, cancerosa, cancrosa, maiteno, salva-vidas, coromilho-do-campo ou espinho-de-deus. A planta é nativa do Brasil. Essa espécie faz parte da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), com indicação de uso para gastrite e úlcera gástrica. É possível adquirir folhas de espinheira-santa em farmácia, mercados ou, ainda, de maneira mais artesanal, em erveiros e feirantes. Apesar de haver alguns cultivos, a espinheira-santa é alvo de extrativismo. Este trabalho teve como objetivo verificar o conhecimento popular relacionado à espinheira-santa e a procedência das folhas dessa planta que são comercializadas pelo mercado informal no centro da cidade de Pelotas (RS). Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a oito pessoas que atuam no mercado informal de plantas medicinais no centro da cidade de Pelotas, de agosto a outubro de 2013. Os entrevistados foram cinco erveiros e três feirantes, com idades variando de 17 a 74 anos, sendo 3 mulheres e 5 homens. Os relatos evidenciaram que o saber relacionado ao uso da espinheira-santa é transmitido de geração a geração, embora existam outras fontes de conhecimento, como livros e internet. Quanto à indicação popular de uso terapêutico da espinheira-santa, entre os informantes foram citados o uso preventivo e curativo de úlcera, tratamento de gastrite, problemas no estômago, inflamações no estômago, desconforto advindo de uma alimentação inadequada, ingestão exagerada de alimentos, refluxo, azia, promoção da cicatrização, depurativo do sangue e limpeza do sangue. Apesar da mesma ocupação, os entrevistados possuem diferentes formas de interação com o ambiente e estas constituem os saberes que são perpetuados pelas próprias interações com o ambiente, com a família e outras relações interpessoais. Os feirantes informaram que não cultivam plantas de espinheira-santa, mas realizam extrativismo, com a colheita das folhas de plantas que nascem espontaneamente na zona rural. Entre os erveiros, dois indicaram também realizar o extrativismo, com a colheita na natureza, e dois relataram possuir dois tipos de fornecedores: os agricultores e os laboratórios. Aqueles que realizavam a atividade extrativista não quiseram informar a localização das plantas de espinheira-santa. O motivo da recusa não foi claramente justificado pelos informantes, mas pode estar atrelado à tentativa de proteger o material de possíveis concorrentes ou, ainda, ao medo de uma fiscalização ambiental ou sanitária. No que se refere ao extrativismo da espinheira-santa, poucos demonstraram preocupação com a sua sustentabilidade, mas perceberam-se como parte responsável pelo equilíbrio da natureza. Os erveiros e feirantes que comercializam espinheira-santa no centro de Pelotas detêm um conhecimento herdado de outras gerações familiares, possuindo algumas semelhanças (fonte do conhecimento, manutenção do conhecimento) e diferenças (formas de uso, período de tratamento, indicação de uso), que podem estar relacionadas a diferentes culturas dos indivíduos.

Agradecimentos: à Capes.